

Notas sobre infraestruturas:

Por Lais Rabello de Andrade
(i2ADS-FBAUP)

Os dois primeiros encontros da série GLOSAR voltaram-se à crítica das infraestruturas. A escolha não foi acidental. Infraestruturas não são apenas os sistemas técnicos que sustentam nossas cidades ou as condições materiais que permitem a circulação de corpos, mercadorias e dados. Elas moldam afetos, regulam vidas e organizam o visível e o invisível — o que emerge como possível, habitável, nomeável.

Partindo de abordagens feministas e decoloniais, a crítica infraestrutural não se limita a diagnosticar falhas de funcionamento ou apontar invisibilidades. Trata-se de pensar as infraestruturas como estruturas de poder e cuidado, onde se

inscrevem relações de gênero, raça, classe e história. Inês Moreira e Elke Krasny, nas duas primeiras masterclasses da série, propuseram que cuidar das infraestruturas é também cuidar das epistemologias e dos corpos que elas abrigam ou expulsam. É entender que o que sustenta a vida não é neutro — e que há infraestruturas da opressão tanto quanto da resistência.

Nesse contexto, glosar pode ser pensado como uma prática infraestrutural da linguagem. Uma operação que escava, anota e tensiona o que parece dado. Se a linguagem é também uma infraestrutur — feita de gramáticas, vocabulários autorizados, regimes de tradução e silêncio — então glosar é interferir nesse tecido. É operar nas margens do discurso como quem repara, reconfigura ou obstrui um fluxo dominante. Glosar, assim, não é só comentar: é intervir nas fundações do que se pode dizer.

Casa de Chá da Boa Nova, arquiteto Álvaro Siza Vieira.

